



# CINEMA PARADISO

Boletim n. 288

São Paulo, 14 de abril de 2011



Próxima reunião: 01/05/2011 - DOMINGO às 16:00 h

**CONTRACORRENTE**  
(*Contracorriente*)

Diretor: Javier Fuentes-León (\*)



**HOMENS E DEUSES**  
(*Des Hommes et Des Dieux*)

Diretor: Xavier Beauvois (\*\*)

Foram sugeridos dois filmes para a próxima reunião: **Contracorrente** está em cartaz em dois cinemas, mas poder sair na Semana Santa; **Homens e Deuses** ainda está na pré-estréia, sem data para entrar em cartaz. A prioridade é o primeiro filme, mas tentem assistir aos dois.

(\*) Nasceu em 08/12/1967 Lima, no Peru. Formou-se em medicina. Recebeu uma bolsa de estudos e se mudou para Los Angeles para fazer mestrado em direção de cinema no Instituto de Artes da Califórnia (CalArts). **Contracorrente** recebeu o Grande Prêmio do Juri no Festival de Cinema de Sundance, e é o seu primeiro filme.

(\*\*) Nasceu em 20/03/1967, em Auchel, França. É ator, diretor e roteirista. Ganhou o Cesar de melhor filme com o seu primeiro filme, **Nord** (1991); o prêmio do júri do Festival de Cannes com o seu segundo filme, **N'oublie pas que tu vas mourir** (1995) e o grande prêmio do júri do Festival de Cannes com **Homens e Deuses** (2010).

## EM BUSCA DO TEMPO ENCONTRADO...

Foi essa a frase que me ocorreu ao término da exibição do documentário de Toni Venturi, **Vocacional, uma aventura humana** que participou da competição de longa e média metragem do 16º Festival Internacional de Documentários *É Tudo Verdade* 2011, no dia 2 de abril no Cine Cultura.

Reencontrei na longa fila de espera para a retirada de ingressos para a exibição, colegas, professores e funcionários dos Ginásios Vocacionais, que com abraços saudavam uns aos outros os bons tempos de escola pública da década de 60, que fez de nós cidadãos atuantes e conscientes.

Encontrei nos olhos dos outros o orgulho de ter a nossa vivência juvenil partilhada com o mundo, sim a nossa, pois de fato construíamos o conhecimento em aula onde, por exemplo, decidíamos o currículo com professores em aula chamada - Aula Plataforma, dentre muitas das atividades escolares. Tive honra de ter participado de uma das mais significativas experiências educacionais que esse país já teve, numa época em que muitos ousavam, mas poucos resistiram... Fui da turma de 1963.

Chnauderman ao discorrer no capítulo *Uma escuta - olhar: a experiência do cinema, na obra Psicanálise, Arte e Estéticas de subjetivação* (2002), cita que Kátia Lundt, par de João Moreira Salles no documentário *Notícias de uma guerra particular* (1999) afirma que "... é preciso ter curiosidade pelo mundo, ter uma questão que você quer entender, para fazer um documentário ( p.132)".



Penso que Toni Venturi ao realizar o documentário a partir de sua própria experiência educacional no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, precisava entender porque uma escola que estimulava o saber e o prazer no

aprender, foi extinta brutalmente pela ditadura militar de 1964. Tive também a mesma inquietude ao longo dos anos.

O achado para tal questão pode ser vista no brilhante documentário através do vivo depoimento, fotos e imagens cinematográficas de professores, de alunos e de familiares da saudosa Maria Nilde Mascelani (1931-1999) e seu legado educacional.

Idealizadora de um modelo progressista e pioneiro na educação pública brasileira, os Ginásios Vocacionais, instalados na década de 60 em São Paulo, Batatais, Americana, Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul visou à formação multidisciplinar de alunos e, sobretudo instigava que os alunos fossem sujeitos de sua própria história, ou seja, agentes de transformação. Para isso, as escolas uniam projetos interdisciplinares e viagens de estudo, por meio de uma intensa participação dos alunos em equipes, sempre estimulados a se expressarem e participarem sobre todas as questões escolares e sociais.



Educadora humanista, Maria Nilde Mascelani lutou com coragem e determinação em prol de seus ideais numa época em que ser consciente era ser subversivo, ser atuante era ser comunista, ser educador respeitado e preparado era uma ameaça. Enfim sua luta não foi inglória, deixou discípulos, várias obras e acima de tudo a esperança na Educação no Brasil.

No documentário **Vocacional, uma aventura humana**, encontrei fios para tecer o entendimento de fatos caros à minha memória. Esta exibição cinematográfica cumpre definitivamente a função de documentário, uma vez que amplia o entendimento de um exemplo enigmático da Educação no Brasil.

Elisa Maria Pitombo

"O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo" *João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas*

A(pro)fundamentos. A fotografia do filme é uma das mais fantásticas que já vi. É de uma simplicidade e ao mesmo tempo de uma riqueza. Tal fotografia constrói o filme em diversas camadas: há um didatismo irônico e singelo (exemplos: a fabulosa cena da viagem de carro; os jogos de espelhos; a emolduração em janelas), mas há também a sutileza da transformação gradual no claro e escuro que oferece as transformações vagarosas que o âmagos dos personagens está sofrendo. Porém, a fotografia, não constrói apenas explicitamente a significação. Em uma tensão dialética secreta e ímpar com os diálogos, a imagem corrobora e contradiz o texto, assim como, o texto engrandece e regurgita as fissuras do discurso das imagens. Tentarei esclarecer na sequência do texto, mas, basicamente, deste intenso confronto é que o filme sedimenta a questão de o que é uma experiência estética e onde se encontra seu valor.

No mais, é um filme de transbordar os olhos e soçobrar os sentidos (fiquei levemente envergonhado quando percebi que estava boquiaberto há um tempão e uma moça sentada ao meu lado me olhava e dava risadinhas do meu estado pasmódico). William Shimell aparece belíssimo e charmoso, mas é Juliette Binoche que está dilacerantemente bela. Lembrei de Irène Jacob em "A Dupla Vida de Véronique" e chego quase a acreditar que há belezas que não são construções culturais e midiáticas. Mais uma vez percebo a perfídia da beleza que nos é imposta pela TV e com as atrizes hollywoodianas: viva o batom levemente manchado de Juliette Binoche!

Sobre os atores, ainda vale ressaltar o surrealismo da aparição de Jean-Claude Carrière. O famoso roteirista e escritor surge em uma situação cômica, na qual acredita-se que ele está dizendo uma porção de palavras desencantadoras à sua mulher e logo percebemos que se trata de uma conversa com um terceiro ao telefone. Jean-Claude Carrière, também, como um roteirista convidado a interferir metalinguisticamente no filme, sugere a James Miller (William Shimell) a sutileza e importância do gesto (creio que a essência da arte da escultura foi captada nessa cena extraordinária). O filme esbanja a reconciliação entre forma e conteúdo.

Quanto ao roteiro do filme, é simplesmente brilhante. Parece-me um argumento de Borges numa elaboração de Cortázar. Digamos que o filme faz o seguinte movimento (é apenas uma interpretação dentre as muitas possíveis): parte-se da discussão estética e filosófica da identidade e realidade das coisas; tal discussão vai sendo dissolvida no enredo, de forma que o irreal e o real se tornam indistintos; então, um possível desenlace inverte reflexivamente as coisas no momento em que a fantasia da atendente do café vira realidade (aqui cabem três observações: o filho de Elle (Juliette Binoche), tal um pequenino gnomo, já anuncia a confusão da mãe; as línguas têm um papel fundamental em evidenciar a esquizofrenia das relações [chega-se a um momento do filme em que Elle fala francês, James começa a falar francês, mas, dependendo de seu estado de ânimo, retorna a um inglês marcadamente britânico, então conversam em inglês-francês, e todo o restante das pessoas fala italiano]; a terceira observação seria a ironia com que o diretor conduz estas transformações quase zombando do espectador [chega mesmo a zombar, quando filma a atendente do café de costas para a câmera segredando com Elle, um segredo que nunca nos será revelado]); continuando: a sublimação do sentido do real acontece e, assim, resumidamente, o que vemos na sequência do filme, de forma esplendorosa, é o esfacelamento de todas as questões que dão lugar ao único sentido real e verdadeiro: o amor. Mais-que-brilantemente, o desfecho do filme retoma todas as questões levantadas ao longo desse e, adicionando uma pitada de misterioso tempo-lembrança, explode em diversas direções sobre a originalidade (em sua semântica mais abrangente) da experiência humana.



Ufa! Perdoem-me a confusão e a divagante escrita, não haveria outro modo de escrever sobre o filme que é um enveredar pelas tortuosas questões da existência. Tenho tanto ainda há dizer. A direção é gestáltica, todas as partes constroem maravilhosamente o todo. O trabalho com as cores e objetos e a direção de arte em geral é minuciosíssima: por exemplo, depois da discussão de o que é Arte (Andy Warhol), há uma brincadeira com a disposição das garrafas de azeite que estão no Café. Pode-se afirmar que cada figurante, objeto, e som estão em seu devido lugar. Outro exemplo: é impressionante como a única música do filme aparece duas vezes: ela se insinua (não conseguimos afirmar se é *diegética* ou *extradiegética*<sup>1</sup>) na cena do almoço-conversa com o filho; e reaparece com o grupo que toca na praça, onde culminam as discussões amorosas dos protagonistas. Gostaria de observar, enfim, como os diretores do dito *Mundo Árabe* estão enriquecendo o cinema atual: dentre os melhores filmes que tenho visto recentemente, muitos são desses diretores. Talvez tal enriquecimento provenha da possibilidade de outro olhar sobre a realidade. Para além da mentira hipócrita que a mídia nos conta sobre determinadas culturas, vale atentar como a Arte e as relações humanas se enriquecem com a diferença: o Impressionismo deve grande parte de sua estética à descoberta do ocidente sobre a pintura e o teatro chinês; a música sempre deveu suas riquezas aos ritmos, melodias e possibilidades harmônicas que brotam das mais diversas

culturas; a Literatura que alguns diriam esgotada depois de Joyce, se reinventou a partir da perspectiva latinoamericana; e os exemplos são inúmeros. O que foi dito não é uma simples divagação. Talvez o argumento do filme não seja este, todavia, o que ficou marcado em mim é como apesar da irrealidade e da sinuosidade dialética das relações humanas, o amor singelo de um sorriso, um cuidado, uma lembrança são a verdadeira significação. Aceitar a

complexidade das relações humanas. Chega! Se conseguir, irei ver novamente o filme esta semana, talvez outros sinos dobrem de minha janela.

*Lucas Paolo*

**Nota da Cláudia:** Lucas foi ver o filme pela segunda vez e participou de parte da nossa reunião, mas eu pedi a ele que não mudasse o artigo... Depois da segunda experiência com essa obra fantástica do Kiarostami e da nossa reunião, ele deve escrever outro(s) artigo(s), assim como outras pessoas do grupo. Esse filme dá muito assunto...

<sup>1</sup> Uma música *diegética* seria, sucintamente, uma música que acontece dentro da narrativa do filme; por exemplo, no filme *Mademoiselle Chambon* a música aparece sempre de forma *diegética*: ou advinda do violino da personagem, ou de um CD que é colocado para tocar. Assim, *extradiegética*, seria a música que emana de fora da narrativa; por exemplo, o belíssimo Adagietto (Quarto Movimento da Sinfonia n. 5 de Mahler) em *Morte em Veneza*.

### COTAÇÃO 2011

Tetro .....	9,57
Cópia Fiel.....	9,26
Lixo Extraordinário.....	8,96
Biutiful .....	8,85
O Concerto.....	8,63
Em Um Mundo Melhor.....	8,54
Cisne Negro .....	6,60
Trabalho Interno .....	6,62

#### Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma  
e-mail: [janetepalma@gmail.com](mailto:janetepalma@gmail.com)  
<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>